

ÂNGELUS DOMINI
CELEBRAÇÃO DA ANUNCIAÇÃO À MARIA

INTRODUÇÃO

1. O *Ângelus* é a oração tradicional com a qual os fiéis comemoram a Anunciação do Anjo à Maria e a encarnação do Verbo de Deus, três vezes ao dia – pela manhã, ao meio dia e ao entardecer.

I. DADOS HISTÓRICOS

Origem e desenvolvimento

2. A história do *Ângelus* é bem complexa: O processo com os vários elementos que o compõe - cada um tem uma própria origem e desenvolvimento independentemente. Os vários elementos foram reunidos em uma estrutura orgânica que levou vários séculos e não se desenvolveu uniformemente em todos os lugares.

A motivação e a origem do *Ângelus* devem ser buscadas na própria celebração do mistério da anunciação, para onde a mente cristã sempre se volta.

Ainda no século V, época em que a celebração da solenidade de 25 de dezembro era unida aos mistérios da Encarnação e do Nascimento, o papa s. Leão magno, numa homilia de Natal dizia:

Caríssimos, a cada dia e em cada momento, oferece-se à mente dos fiéis que meditam os divinos mistérios; a memória do nascimento do Nosso Senhor e Salvador e da Virgem Mãe; assim que, a pessoa dispendo-se a louvar o seu Autor, quer no gemido da súplica, ou na exultação do louvor ou seja na oferenda do sacrifício, com o olhar interior nada fixa com maior freqüência e com maior fé do que o mistério, pelo qual Deus, Filho de Deus, nascido do Pai e co-eterno ao Pai, é ao mesmo tempo nascido de parto de mulher. [...] Não apenas na mente, mas de certo modo na visão, *retorna o colóquio do Anjo Gabriel com Maria atônita, e a concepção por obra do Espírito Santo, promessa de maneira admirável e acolhida na fé de forma maravilhosa.*¹

3. O costume de repetir com intenção cultual a saudação do Anjo à Maria é comprovado, no Oriente, desde o IV século.

O mais venerável dos testemunhos teológico e poético desta “celebração da saudação à Virgem” é oferecida pelo *Akathistos*, no qual o Ave de Gabriel, retomado incessantemente constitui o momento de louvor do hino e quase, se poderia dizer motivação condutora.

4. Os primeiros resquícios do *Ângelus* remontam ao tempo da Idade Média. Neles podemos ver um reflexo do costume da época seja, o de tocar o sino como sinal do horário de terminar o trabalho, de voltar da lavoura, bem como o costume monástico de tocar o sino ao anoitecer e saudar a Virgem depois da oração das Completas.²

O Ângelus da tarde

¹ *In Nativitate Domini Sermo VI (XXVI), 1: CCL 138, P.125.*

² No Capitulo geral de 1251. os Cistercenses estabeleceram: (...) Nesta saudação à Virgem além do motivo imediato que provocou a prescrição deve-se verificar um precedente do *Ângelus Ido entardecer*.

O costume de tocar o sino ao anoitecer estendia-se desde as abadias até as catedrais e paróquias. Não demorou muito e logo, em vários lugares, este costume espalhou-se entre os fiéis, recitar três *Ave Marias* ao tocar do sino, em louvor da Virgem, saudada pelo Anjo e em memória da encarnação do Verbo, pois acreditavam que o fato acontecera ao entardecer.

Entre os frades que contribuíram para a difusão do *Ângelus* da tarde, os estudiosos apontam particularmente a importância de um decreto do Capítulo geral dos Frades Menores, celebrado no ano de 1269, precedido por s. Boaventura (+1274). O decreto obrigava os frades a exortar os fiéis para recitarem três *Ave Marias* ao tríplice tocar do sino do entardecer.³ A relevância vem também pela importância e influência da Abadia de Montecassino, a um *capitulum* das Constituições do abade Tommaso I (1285-1288), que prescreve as igrejas sujeitas a Abadia de tocar os sinos da Ave Maria da manhã e do entardecer. O mesmo capítulo contém também um dos mais antigos testemunhos do *Ângelus* da manhã.⁴

Dois interventos do papa João XXII (+1334) confirmam esta prática : em 1318, o papa louvava o costume em vigor na diocese de Saintes e em outras da Gallie o fato de tocarem os sinos ao entardecer e concedia indulgência aos fiéis que naquele momento tivessem recitado, de joelhos, as três Ave Marias;⁵ em 1327, em Roma, o mesmo introduzia o piedoso exercício, favorecendo, desta maneira, uma ulterior difusão.⁶

6. Mais ou menos no final do século XIII, em vários lugares, o tradicional toque do sino da manhã - sinal do novo dia, da hora matutina, nos mosteiros, e memória da ressurreição do Senhor - colocou-se uma relação com o toque do sino a tardezinha adquirindo assim também um significado mariano.⁷ Tal relação estabeleceu-se espontaneamente uma vez que a liturgia, saudava a Virgem como “estrela da manhã” e reconhecendo-a como a esposa que surge como a aurora... fulgida como o sol” (Cant. 6, 10), dispunha os fiéis a invocar Maria no amanhecer do dia.

O Ângelus do meio dia

7. O *Ângelus* do meio dia é posterior. Tem a sua origem provável em uma fusão, acontecida mais ou menos no final do XV século, entre o costume de tocar o sino as sextas-feiras ao meio dia em memória da paixão do Senhor e uma prescrição de Callisto III (morto em 1458):. Em 1456, o papa com a Bula *Cum his superioribus annis*, ordenava que todos os dias os sinos deveriam ser tocados entre a hora Nona e as Vésperas e recitar um Pai Nosso e três Ave Marias para implorar o auxílio de Deus para a defesa da cristandade ameaçada pelos Turcos.⁸

Mas o *Ângelus* do meio dia veio a ser um costume estável após uma iniciativa do Rei da França, Luiz XI (1461-1483): o rei quis que o toque do sino do meio dia convidasse à oração de três Aves Marias para a paz do reino. Em 1475 o papa Sisto IV (1471-1484)

³ “Addidit etiam, ut (.....) [Quaracchi 1931], p. 331.

⁴ “Item ut sacristã (...) Texto citado por M.Inguanez. Um documento Sassinese do século XIII. Para o toque do sino do *Ângelus*”, in *Revista litúrgica* 19 [1932] p. 250).

⁵ Cf. C. Baronius – o Raynaldus. *Annales Ecclesiastici*, XV, Annus 1318, n. 58, p. 188. Coloniae Agrippianae 1694.

⁶ Cf. *Ibid.*, XV Annus 1327, n. 54, p. 335.

⁷ Neste sentido é notável o testemunho do autor do livro *de laudibus civitatis Ticinensis quae dicitur Pavia[Pavia]*, escrito em 1330. (...) (Cf. I, Affò. *Storia della città di Parma*, t, IV, p. 216. Parma Stamperia Carmignani, 1795).

⁸ (“...”) (O Raynaldus. *Annales Ecclesiastici*, XVIII, ad annum 1456. n. 22. Romae 1659).

retificava a iniciativa do rei, anexando a recitação “desta Ave Maria da paz” indulgências particulares.⁹

A forma atual

8. Mas o processo histórico que conduziu à definição da hodierna fórmula concluiu-se somente no século XVI. O *Ángelus*, na forma substancialmente idêntica àquela usada na atualidade, se encontra num catecismo estampado em Veneza no ano de 2560.¹⁰

Para a difusão do *Ángelus* muito contribuiu o fato que, a partir do ano de 1570, não raramente ele era incluído no Breviário Romano, entre os textos do apêndice; e a partir do ano de 1571, no *Ofício Parvum B. Maria Virgem*, entre “os exercícios cotidianos”.¹¹ Isto trouxe à comemoração do anúncio a Maria um caráter quase oficial.

9. O tríplice soar diário do *Ángelus* tornou-se costume (hábito) geral sob o pontificado de Bento XIII que em 1724, com o breve *Inunctae nobis*, concedeu indulgência plenária, *semel in mense*, aos fiéis que tivessem rezado de joelhos O *Ángelus Domini* ao soar do sino.¹²

Naquela mesma época foi adotada, por toda a Igreja Latina a única forma que ainda hoje é usada.

10. Desde então não foram raros os interventos dos Bispos de Roma referindo-se ao *Ángelus*: no ano de 1742, Bento XIV escreveu que no tempo pascal a antífona Rainha dos céus substituiu o *Ángelus Domini*;¹³ no ano de 1815, Pio VII concedeu indulgências a todos aqueles que recitassem “três vezes a doxologia *Gloria ao Pai*[...], ao amanhecer, ao meio dia e à tarde, agradecendo a Santíssima Trindade pelos insignes dons e privilégios concedidos a Virgem Maria”;¹⁴ no ano de 1884, Leão XIII, com intenção de difundir a recita do *Ángelus* também entre os fiéis mais humildes, incapazes de reter a fórmula na memória, concede a faculdade de substituí-la com cinco *Ave Marias*;¹⁵ no ano de 1933, na celebração do centenário da redenção, Pio XI enriqueceu o *Ángelus* de novas indulgências e o propôs como meio para favorecer a união do povo cristão;¹⁶ no ano de 1974, Paulo VI

⁹ Cf. D. Cresi. Il beato Benedetto Sinigardi e a Origem do *Ángelus*. Firenze, Convento di s. Francesco, 1959, pp.47-50.

¹⁰ Cf. P. Radò. *Enchiridion Liturgicum*, I. Romae, Herder, 1966, p. 466.

¹¹ Cf. J. C. Trombelli De culto publico ab ecclesia beatae Mariae exhibitio. Disertatio VII, 20, in J. J. Bourassé. *Summa Aurea*, IV, 280.

¹² “... concede indulgência plenária e remissão de todos os pecados universalmente e em perpétuo a todos os fiéis que, de fato, arrependidos, confessados e comungados, em qualquer dia do mês, por eles escolhido, de joelhos, e devotamente ao som do sino, pela manhã, ou ao meio dia ou então ao entardecer rezarão a mesma oração do *Ángelus Domini nunciavit*(...) e com a mesma oração três vezes a Ave Maria, etc., e pedindo ao Senhor pela paz e concórdia entre os princípios cristãos, extirpação das heresias, e pela exaltação da santa Mãe Igreja” (Bellarium Romanum. Editio Taurinensis, XXII. Pp. 101-102. Augustae Taurinorum 1871).

¹³ Cf. *Racolta de orações e pias obras pelas quais foram concedidas pelos Sumos Pontífices as Ss. Indulgência*. Roma Tipografia Poliglota da S. C. de Propaganda Fide, 1898, p. 210. A Obra promulgada com decreto do card. H. M. Gotti, Prefeito da S. C. pelas Indulgências, é particularmente rica de informações e precisa nas notícias.

¹⁴ Decreto da S. C. pelas Indulgência, 11 de julho 1815, citado por J. ^a de Aldama. *História y significación Del Ángelus*, in *Estudios marianos* 43 (1978) p. 249.

¹⁵ Cf. *Racolta de orações e pias obras ...*, *o.c.*, p. 211.

¹⁶ Cf. Decretum Sacrae Penitentiariae Apostolicae *Per Apostólicas Litteras* (20 februario 1933), in AAS 25 (1933) pp. 71-72.

concedeu a faculdade de substituir a oração tradicional *Gratiam tuam* com a coleta *Deus, qui Verbum tuum*, própria da solenidade da anunciação.¹⁷

II. ESTRUTURA

11. Na forma atual, o *Ángelus* tem uma estrutura harmônica e original. Consta de três Ave Marias, alternadas e três antífonas seguidas de um verso e uma oração.

As antífonas

12. As antífonas que atualmente se rezam como se fossem versos, constituem o elemento contemplativo do *Ángelus*. A sua trama narrativa reproduz a cena do anúncio do Anjo Gabriel à Maria.

13. A primeira antífona

Angelus Domini nuntiavit Mariae,
et concepit de Spiritu Sancto

Resume a grandes traços os versículos de Lucas 1, 26-35: de modo conciso e eficazmente, evoca o anúncio do Anjo Gabriel e a maternidade de Maria por obra do Espírito Santo.

Os mais antigos antifonários, seja os dos *cursus romanus* ou seja os dos *cursus monasticus*, assinalam a antífona *Angelus Domini* **all'ufficiatura** a II feria da 1ª semana do Advento,¹⁸ somente alguns à solenidade da Nunciação.¹⁹

14. A segunda antífona

Ecce ancilla Domini,
fiat mihi secundum verbum tuum

Tirada do Evangelho de Lucas cap. 1, 38, retorna a propor em termos de oração o admirável consentimento da Serva do Senhor ao projeto de salvação de Deus.

Na tradição romana e monástica a antífona “Eis a Serva” recorre sobretudo nell'ufficiatura da III ou IV feria que precede o dia 25 de dezembro²⁰ e na Officiatura da solenidade do dia 25 de março.²¹

¹⁷ Exortação apostólica *Marialis cultus*, n. 41, nota 109, in AAS 66 (1974) p. 152.

¹⁸ Cf. R. J. Hesbert. *Corpus Antiphonalium, Officii*, vol. I, p. 6.7; vol II, p.6 Roma, Heder, 1963. 1965 (Rerum ecclesiasticarum documenta. Series Maior. Fontes VII-VIII).

¹⁹ Cf. *Ibid.*, vol. I, p. 125; vol. II, pp. 216. 217. 219.

²⁰ *Ibid.*, vol. I, pp. 20. 21.22. 23; vol. II, pp. 48.49.

²¹ *Ibid.*, vol. I, p. 125; vol. II, pp. 216. 217. 218.

15. A terceira antífona

Verbum caro factum est
et habitavit in nobis

Tirada do Evangelho de João 1, 14, apresenta novamente ao orante um versículo chave, síntese de vários aspectos do mistério da encarnação: a Kenosis do Verbo (*caro factum*; cf. *Fil 2, 7-8*); a presença do Senhor no meio do seu povo em caminho (*habitavit in nobis*; cf. *Es 23, 8*); A divina familiaridade da Palavra com os filhos dos homens (cf. *Prov. 8, 31*); o cumprimento da profecia do Emanuel, o Deus conosco (cf. *Is 7, 14*; *Mt 1,22-23*).

O uso de antífonas de João 1, 14 é antigo, e é comprovado pelo antifonário de Monza (25 de dezembro, ao *Benedictus*)²² e pela maior parte dos antifonários monásticos, em vários lugares do ofício natalino.²³

As Ave Marias

16. A história do *Ângelus* também serve como documentação do progressivo uso da Ave Maria e da sua complementação por parte da Igreja, de matriz popular: a Santa Maria.

Assim como a Ave Maria se apresenta hoje, oração bíblica, constitui o elemento de louvor do *Ângelus Domini*: louvor e bênção dirigidos para a Mãe e para o Filho, para a “cheia de graça” e para o “bendito fruto” do seio virginal.

A oração eclesial da Santa Maria, representa o elemento de súplica e imploração: requerida da materna intercessão da Virgem para o tempo presente e para a hora, da entrada na eternidade.

Como podemos ver pela história, a tríplice *Ave Maria* é o elemento mais antigo e em certo sentido, o essencial do *Ângelus Domini*.

A Oração

17. O *Ângelus* se conclui com a oração

Gratiam tuam, quaesumus, Domine, mentibus nostris infunde,
ut qui, Angelo nuntiante,
Christi Filii tui incarnationem cognovimus,
per passionem eius et crucem
ad resurrectionis gloriam perducamur,²⁴

Ou então com a oração

Deus, qui Verbum tuum in utero Virginis Mariae
veritatem carnis humanae suscipere voluisti,
concede, quaesumus,
ut, qui Redemptorem nostrum Deum et hominem confitemur,
ipsius etiam divinae naturae mereamur esse conformes²⁵

²² *Ibid.*, vol. 1, p. 37.

²³ *Ibid.*, vol. II, pp. 64.65.66.67.68.

²⁴ *Missale Romanum* (1970), Dom. IV Adv. Collecta.

a) A oração *Gratiam tuam* é antiga, romana, típica da eucologia do 25 de março, certifica em quase todos os códigos derivados do *Sacramentarium Gregorianum*. Sempre no formulário do 25 de março, essa figura em alguns sacramentais como coleta, em outros como oração de pós comunhão, em outros ainda como oração *ad complendum*.²⁶ No missal de s. Pio V, essa era a oração de pós comunhão na missa da festa da Anunciação. No Missal de Paulo VI, no entanto, será restituída para a função original de coleta, a oração foi transferida ao formulário do IV domingo do Advento e passou a ser utilizada também nas Missas da b. Virgem do Rosário (7 de outubro).

Numa visão unitária e eficaz da oração *Gratiam tuam* se percebe o designo de salvação do Pai no seu momento culminante: O mistério pascal. Os três eventos – encarnação, morte e ressurreição – são evidenciados numa grande síntese onde em cada fato salvífico aparece disposto ao sucessivo e a encarnação do Verbo é vista acima de tudo na sua perspectiva pascal e na sua dimensão eclesial.

b. A oração *Deus, qui Verbum tuum* é um texto novo composto com material antigo, escrito conforme os cânones clássicos da eucologia romana. A fonte imediata é um fragmento da Epístola 123 de S. Leão Magno (morto em 461), carta do Papa para a Imperatriz Eudossia para solicitar sua intervenção contra a heresia monofisista entre os monges da palestina.²⁷

Na coleta percebe-se o reflexo das tensões e contestações cristológicas do século V, particularmente da luta contra o monofisismo, que originou a definição dogmática do Concílio de Calcedônia (ano 451): Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, uma pessoa em duas naturezas, divina e humana. Mas no âmbito desta explícita profissão de fé (*Deum et hominem confitemur*), a coleta novamente propõe com força e com firmeza, a teologia do *mirabile commercium*, tão preciosa aos Santos Padres: o teu Filho, Deus, tomou a nossa natureza humana (*veritatem carnis humanae suscipere voluisti*); em troca disto tu nos tornas participantes da tua natureza divina (*psius divinae naturae mereamur esse conformes*).

Oração das horas

18. A oração do *Ángelus Domini* tem um “ritmo quase litúrgico, que santifica diferentes momentos do dia”.²⁸ Recitado ao amanhecer do dia, ao meio dia e ao entardecer, por essa determinação horária a oração do *Ángelus*, se reenlaça à tradição bíblica, a costumes antigos do judaísmo,²⁹ segundo antigos costumes da Igreja primitiva.³⁰

²⁵ *Ibid.*, In Annuntiatione Domini (25 martii), Collecta.

²⁶ Cf. P. BRUYLANTS. *Les oraisons du Missel Romain*. Texte et Histoire, vol. II, p. 156, n. 575. Louvain, Abbaye du Mont César, 1952.

²⁷ PL 54, 1060-1061.

²⁸ Paolo VI. Esortazione apostólica Marialis cultus, n. 41, in AAS 66 (1974) p. 152.

²⁹ Nel *Manuale di disciplina* degli Esseni si legge che questi pregavano tre volte ai giorno «all’inizio della luce, quando essa è a metà del suo corso e quando si ritira nell’abitazione che le è stata assegnata» (X, 1). Similmente in *II Henoch*: «Il mattino, a mezzogiorno e alla sera del giorno è buona cosa recarsi nella Casa del Signore per glorificarlo di tutte le cose» (XXVI, 1-3). Testi citati da J. DANIELÉLOU. *La teologia dei giudeo-cristianesimo*, p. 496. Bologna, Società editrice Il Mulino, 1974.

³⁰ Cf. *Didaché* IX, 3; SC 249, p. 174; TERTULLIANUS. *De oratione* XXV, 1: CCL 1, p. 272; S. CIPRIANUS. *De oratione dominica* 34: CSEL 3, p. 292.

Este ritmo de horário, apesar de todas as mudanças e condições de vida, em muitos casos, ainda marca a jornada de muitas pessoas, marca os tempos do seu trabalho e do seu repouso.

III. CONTEÚDOS ESPIRITUAIS

19. O valor essencial da oração do *Angelus Domini* consiste na comemoração do evento de salvação pelo qual, segundo o plano de Deus Pai, o Verbo se encarnou no seio da Virgem Maria por obra do Espírito Santo

20. Mas o fato que o *Angelus* apresenta na sua essencialidade é rico em implicações que a meditação pode explicar, em diferentes chaves de leitura:

— de *cumprida a antítese*, percebendo no diálogo de salvação entre o Anjo Gabriel e Maria a clara contraposição ao colóquio mortal entre Eva e a serpente;

— de *nova genesi*, **scorgendo** na intervenção do Espírito Santo sobre a Virgem para formar o novo Adão, o acontecimento profético da obra divina, que da terra virgem **trasse** o antigo Adão;

— de *esponsal matrimonio*, considerando o seio virginal de Maria como o tálamo puríssimo no qual a natureza divina se une a natureza humana numa total e indissolúvel união;

— de *inefável troca revelando* como na encarnação o Verbo assumiu a natureza humana a fim de que a pessoa humana recebesse a natureza divina;

— de *dramático colóquio*: que ao coração e aos lábios de uma mulher vê confiada a resposta ao projeto de Deus para a salvação do gênero humano;

— de *profunda religiosidade*, porque a piedade cristã ainda hoje ouve eco do duplo e essencial *Fiat* da encarnação. – O sim do Verbo e o sim da Virgem. – E neles encontra o modelo da atitude religiosa que consiste em, fazer da obediência ao Pai, e do amor aos irmãos, a expressão mais pura do culto;

— de colheita *epifania messianica*, porque no colóquio entre a Virgem e o Anjo reconhece os títulos e os sinais (acaracterísticas) essenciais do Messias – a origem e filiação divina, a condição humana, a procedência davídica, a dignidade real, a missão salvadora – e constata a realização da profecia sobre a virginal concepção;

— de *prelúdio pascal*, porque compreende que o abaixamento do Verbo às condições de “Servo” foi promessa necessária para a glorificação de Cristo como “Senhor” (cf. *Fil 2, 5-7*);

— de *perene mensageiro*, sobre a dignidade da pessoa humana, porque é impossível celebrar verdadeiramente o pio exercício de sentir-se tocado pela grandeza do destino do homem, chamado a fazer parte do consorcio divino e sem ser impelido a viver com coerência os conteúdos, descobrindo e respeitando em cada pessoa a luz do Verbo e o mistério da vida.

IV. OS SERVOS DE MARIA E O ÂNGELUS

21. Assim Como vimos, o *Ángelus* não nasceu em um momento ou em um lugar preciso nem por obra de uma pessoa apenas ou de um determinado grupo de pessoas. Sua origem é popular, e a sua difusão foi favorecida sobretudo pelos Frades Menores e pelas outras Ordens mendicantes, entre os quais o nosso.

Mas como dissemos, a história do *Ángelus* — também é uma documentação que constata o uso cultural da Ave Maria, ao qual estabelecer-se Florença e o seu Santuário concorreram de maneira relevante. Os testemunhos sobre o freqüente uso da recitação da Ave Maria em Florença nos séculos XIII e XIV são relativamente abundantes e são notados também pelas obras de **sommi** artistas e poetas da época.³¹

22. De Florença — e ainda, do que mais conta para nós — de um códice do convento da Ss.ma Annunziata, que foi escrito na segunda metade do século XIV, chegou até nós um dos textos mais antigos *Ave Maria* completada pela suplica *Santa Maria*. Vale a pena reproduzir-lo:

Ave, dulcissima et immaculata Virgo Maria,
gratia plena,
Doniinus tecum,
benedicta tu in mulieribus
et benedictus fructus ventris tui, Jesus.

Sancta Maria, Mater Dei,
mater gratiae et misericordiae,
ora pro nobis,
nunc et in hora mortis.
Amen.³²

Como vemos, a nossa Ordem desde o século XIII, já havia colocado entre as “reverências” diárias a serem feita à Nossa Senhora a *Ave Maria*.³³ A fórmula aqui transcrita não apenas comprova a fidelidade no amor à saudação Angélica por parte dos Servos de Maria da segunda metade do século XIV, como também “nos leva a pensar na sua contribuição para a evolução desta mesma fórmula”.³⁴

³¹ Cf. al riguardo *L’Ave Maria a Firenze* di R. M. TAUCCI, in *Un Santuario e la sua Città*. Firenze, Edizioni Convento Ss. Annunziata, 1976, pp. 50-60. Pure da Firenze ci é giunto il più antico testo in volgare *dell’Ave Maria*. Cf. D. M. MONTAGNA. *Un volgarizzamento toscano della formula integrale dell’Ave Maria» alla metà dei Quattrocento*, in *Marianum* 37 (1975), pp. 53-54.

³² **32** Il testo fu segnalato da R. M. TAUCCI. *Delle Biblioteche antiche dell’Ordine e dei loro Cataloghi*, in *Studi Storici OSM* 2 (1934-1936) p. 178. Si tratta del cod. 1249, B 7, della Bibl. Naz. di Firenze, già 84 della Bibl. della Ss.ma Annunziata, *ibid.*, p. 178. Il testo dell’*Ave Maria* si trova ai f. 172. Secondo l’insigne storico *l’Ave Maria* è una aggiunta di mano di fra Giovanni Giorgi (+ 1391), che dal 1369 al 1372 fu Priore provinciale di Toscana e, in seguito, Priore del convento fiorentino.

³³ Cf. *Constitutiones antiquae*, in *Monumenta OSM*, I, pp. 28-29.

³⁴ D. M. MONTAGNA. *La formula dell’Ave Maria” a Vicenza in un documento del 1423*, in *Marianum* 26 (1964) p. 235.

23. No ano de 1518 Leão X (+ 1521), por esconjurar os eminentes perigos sobre o Ocidente cristão, deu ordens para que em todas as Igrejas, ao meio dia se tocasse os sinos para a *Ave Maria*. Leão X ...

ANGELUS DOMINI

V. Angelus Domini nuntiavit Mariae.

R. Et concepit de Spiritu Sancto.

Ave Maria grátia plena Dóminus tecum,
benedícta tu in muliéribus et benedictus fructus ventris tui, Jesus.
Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatóribus,
nunc et in hora mortis nostræ. Amen.

V. Ecce ancilla Domini.

R. Fiat mihi secundum verbum tuum.

Ave Maria. Sancta Maria.

V. Et Verbum caro factum est.

R. Et habitavit in nobis.

Ave Maria. Sancta Maria.

V. Ora pro nobis, sancta Dei Genetrix.

R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Oremus.

Gratiam tuam, quaesumus, Domine,
mentibus nostris infunde,
ut qui, Angelo nuntiante,
Christi Filii tui incarnationem cognovimus,
per passionem eius et crucem
ad resurrectionis gloriam perducamur.
Per Christum Dominum nostrum.

R. Amen.

Vel:

Deus, qui Verbum tuum in utero Virginis Mariae
veritatem carnis humanae suscipere voluisti,
concede, quaesumus,
ut, qui Redemptorem nostrum
Deum et hominem confitemur,
ipsius etiam divinae naturae
mereamur esse conformes.
Per Christum Dominum nostrum.

R. Amen.

O ANJO DO SENHOR

V. O Anjo do Senhor anunciou a Maria.

R. E Ela concebeu do Espírito Santo.

Ave-Maria...

V. Eis aqui a serva do Senhor.

R. Faça-se em mim segundo a vossa palavra.

Ave-Maria...

V. E o Verbo Divino se fez carne.

R. E habitou entre nós.

Ave-Maria...

V. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos.

Derramai, ó Deus, a vossa graça em nossos corações, para que, conhecendo, pela anunciação do Anjo, a encarnação de Vosso Filho e Senhor nosso, cheguemos por sua paixão e morte de Cruz à glória da ressurreição. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.